



Gaiato

22 DE ABRIL DE 1967
ANO XXIV — N.º 603 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

BARREDO

Não mais soube dos Pobres que costumava visitar. Desde que vi claramente a inutilidade da ajuda isolada a este e àquele, tenho entregado tudo nas mãos do Pároco, para que o faça distribuir periodicamente às famílias a quem garantimos a subsistência total. Mãe e três filhos, e pai no Sanatório. «Ela vivia de oferecer e aceitar o pecado para pagar à Senhora» — diz a informação que colhemos.

A caminhada tem sido morosa, mas firme, como convém. São, ainda só, cerca de trinta famílias, mas totalmente amparadas quanto a alimentação e aluguer.

Sem técnicas de assistência social, além das informações seguras, colhidas, inteligente e pacientemente por um homem do meio. Foi de facto um achado. Espontaneamente encontrou casos de falsa necessidade e falsa moral que a olhos leigos têm passado por gente boa e carecida. E assim põem-se a salvo quantias que tanta vez têm sida mal encaminhadas. Vejam. Uma mulher que ao sábado dá a sua volta por casas comerciais, fingidamente aflita com a renda do quarto, alegando não ter mais recursos que empenhar a sua pequena mobília, etc.

Não vai a qualquer casa, e entra nas Secretarias ou Gerências de Bancos.

Claro que toda a gente lhe dá, porque o Porto é assim. Mas vamos alimentando a mentira e agravando situações e vícios. O homem dela é trolha e ganha setenta escudos diários.

O caso dum cego, subsidiado pela Assistência aos ditos, que tem conta aberta no Banco e, confidenciou sem saber a quem, que em cada viagem a Lisboa, traz líquidos quinhentos escudos.

Estes problemas não deixam de ser característicos, mas alarmantes para que a boa gente do Porto seja mais prudente e controlada na sua generosidade. É certo que o Evangelho diz para não ver a esquerda o que faz a direita. Não será isso mesmo, prescindir da satisfação pessoal de dar ao próprio que nos aparece como Pobre, dando apenas aos organismos criados para os socorrer? Afinal tantos que nos julgamos cristãmente generosos, não tendo sido até hoje mais que cândidamente enganados.

Sempre e de qualquer maneira, há-de sair do nosso bol-

Continua na SEGUNDA pág.



UMA DAS CENAS MAIS RICAS E EXPRESSIVAS DA OPERETA CONCEBIDA PELO JOÃO DA ROCHA.

FESTAS

Esta é a última notícia deste ano. Seria o momento do balanço, se não faltassem ainda vários espectáculos — e três deles estreias em outras tantas vilas. Porém, como as nossas «são contas de outro rosário», que não as vulgares, as que algarismos exprimem, eu posso já adiantar que tudo terminou em bem. Podem não esgotar as salas aonde vamos pela primeira vez, mas quem lá fôr sei que sairá satisfeito. E isto é a nossa satisfação e o nosso lucro: Ir e deixar mais felizes aqueles que aceitam e estimam o nosso encontro.

Às vezes parece-me estar demasiadamente dito o sentido profundo das nossas Festas. Mas de certo não tenho razão, pois não é fácil de esgotar um valor de comunhão tão concreto, tão denso, como são elas.

Há poucos dias chegou aí uma carta para o Júlio: «Amanhã vou ao Espelho da Moda comprar os bilhetes para a Festa, pois fico sempre para a segunda, afim de levar meu filho, para que ele se vá habituando a gostar como eu». Que legenda de amor! A quem neste mundo amará mais este homem do que ao seu filho?! Pois quer que ele cresça na idade e cresça na união de gosto consigo. Não é o gosto do espectáculo; não é a qualidade do que se apresenta. De quem

O Progresso dos Povos

Não que as encíclicas papais costumem inovar. Elas debruçam-se sobre problemas que preocupam os investigadores e os homens responsáveis; auscultam tendências que se vão desenvolvendo no seio da Igreja; analisam-nas e purificam-nas dos seus extremismos; e, finalmente, consagram com a Autoridade de quem as subscreve a doutrina que é certa, que é válida, que deve subjazer à mente dos homens de boa vontade quando tiverem de concluir ou de decidir sobre os mesmos problemas.

Daí a alegria imensa que nos deixou já esta primeira leitura da última carta do Papa. Acerca dela, da sua elaboração, foram dadas perspectivas reveladoras de como se prepara um documento com a responsabilidade profunda e a extensão universal de uma encíclica.

E, sabendo embora que ela é fruto do trabalho de uma equipe especializada, a «Populorum Progressio» soube-me, talvez como nunca, a uma carta familiar do Pai, que procura ordenar ideias, estabelecer doutrina e dar asas aos filhos — não vão eles mascarar de prudência (falsa!) a sua falta de audácia ou o seu conformismo e deixar estagnadas as Águas que Cristo nos entregou Vivas, para que o fôssem até a consumação dos séculos e corressem sem fim a vivificar.

Para quem viva longe da Igreja e A olhe por entre a névoa de preconceitos (às vezes, com alguma razão de ser!), decerto estremecerá, admirado, peran-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Continua na TERCEIRA pág.

Barredo

Continuação da PRIMEIRA pág.

so o necessário à sobrevivência desta legião de necessitados que o Porto tem.

Não terá a esmola mal dada, contribuído para que, ao lado da verdadeira Pobreza, tenha grassado no Porto e em tantos lados, uma fauna de parasitas da bondade pública, alimentada em seus vícios e desmandos?

Não pensemos que sejam tão poucos. E quantos agora desses em verdadeira miséria por vícios adquiridos por culpa nossa!

O problema apresenta-se depois de consumado, como o mais difícil de resolver. A mulher alcoolizada, viciada na má vida; o homem que se habituou a governar o seu dinheiro fora do lar; que, sistematicamente, come na taberna, enquanto a mulher e os filhos

se remedeiam com o que mendigam ou a caridade mal informada lhes leva; as crianças alimentadas a tostões pedinchados na rua, ou mesmo a mesas bem postas e fartas da Assistência, mas fora do lar, — são reversos da miséria agravada por nossa culpa. O Pároco do Barredo tem convocado a reuniões todas as Famílias da sua Paróquia. Nem todas têm aparecido. Deviam ser as mais interessadas, se não em ajudar a resolver, ao menos em não continuar a alimentar um mal que as não ajuda.

Padre José Maria

Visado pela

Comissão de Censura

No mundo em que vivemos, eu não conheço tirania maior do que a da Moda. Tudo se submete aos seus ditames. Tudo se dispõe aos seus pés a ser calcado: Ideias, atitudes, sentimentos... tudo. Até o bom-gosto! — ainda que muitas vezes se identifique moda com bom-gosto...

Eu penso que a Moda é um dos instrumentos mais culpados da despersonalização progressiva que se observa. Afundam-se na uniformidade aqueles valores individualizantes que fariam a riqueza da Humanidade, onde cada homem foi chamado a realizar algo de próprio e insubstituível.

A Moda não é um movimento para um fim racional, que se procura atingir ao longo de uma evolução razoável. Ela é instituída em si mesma como um fim. E ainda que a queiram definir de outra maneira, ela é um movimento de rodopio que estonteia quantos entram nele e os não deixa pensar e lhes perturba o sentir e os leva a atitudes as mais irrazoáveis.

Sua preocupação é a mudança, a variedade — como se o homem, de sua origem (criatura à imagem do Criador), não tendesse para o Imutável, porque imutável é o Perfeito e o que muda só tem razão de

Cantinho dos Rapazes

mudar no sentido da maior perfeição.

Ora não acontece assim com a Moda. Esgotada a imaginação conforme à beleza e ao funcional, ela busca as formas mais bizarras, as caricaturas. E, quando o reinado destas cansou (depressa cansa!) volta a impor formas passadas, puras repetições do que se supõe esquecido e se apresenta agora como novidade.

E grande parte dos homens anda assim neste fluxo e refluxo, ao sabor das marés, sem nunca se ter perguntado a si mesmo a sua opinião para marcar a sua posição perante os ditadores da Moda.

Sim, porque ela é criatura dos homens. E estes, escravos da sua criatura. Sem ser a Moda, só sei de outra criação do espírito do Mundo que tão desumanamente se vingam dos seus criadores: é o Dinheiro. Dinheiro e Moda, dois deuses do paganismo de todos os séculos e tão especialmente do nosso, em que a facilidade de comunicação entre os homens faz dos confins do mundo nossos vizinhos.

Ora, moderno, digno de estar em moda, é tudo o que contém em si mesmo uma parcela de beleza (reflexo da Beleza criada) e adequação ao bem dos homens.

(Será moderno, alguma vez, usar pullover por baixo da camisa?... Ou não será simplesmente, porcaria?!)

Aquilo que contém em si mesmo uma parcela de beleza ou a tal adequação ao bem dos homens — o que é, senão fruto da inspiração estética, ou do engenho dos homens? E inspiração e engenho — serão

outra coisa que não somente dons do espírito, que o homem pode e deve cultivar, mas que radicalmente possui porque os recebeu? De Deus os recebeu, na verdade, mas não para os malbaratar, ou os utilizar a esmo, à margem da razão, do bom-senso.

Assim, toda a obra do homem que contém beleza ou adequação ao seu próprio bem, é obra perene, que resiste, sempre moderna ao desfilar dos anos. A característica do autêntico moderno é, pois, a sua perenidade. Aquilo que hoje está em moda e o ano seguinte não, nunca foi moderno. Foi uma mascarada que as convenções dos homens impuseram e fizeram aceitar aqueles que se demitiram da sua própria capacidade criadora (ainda que frouxa e impossível de se exprimir)

E não vamos com isto supor estagnação de formas e de hábitos. Não. O tempo corre. A evolução processa-se. A Beleza, modelo de beleza; a Sabedoria, padrão das ações inteligentes — são valores infinitos em que cada época descobre uma parcela de belo e de bom. E essa parcela soma-se às das gerações antecedentes. E o património da Humanidade enriquece-se incessantemente com novas formas, com novos instrumentos de utilidade para os homens, — com verdadeiras modernidades (sempre dignas de estar em moda), quando indignas são tantas aberrações da Moda, essa deusa tirana que decreta arbitrariedades, e encontra tão pouca revolta, tão ténue oposição nas gerações demitidas, despersonalizadas.

Velhinho e Pobre

Descalço pela terra húmida e gelada,
Caminha um velhinho desde — eu sei lá...
No cajado vai a saca pendurada
Leva na cabeça uma gôrra enterrada.
Cobrem-no farrapos todos rotos já.

Cai a chuva densa, sem dó nem piedade
Do Pobre passante da estrada da vida...
Já se foi o dia; não há claridade!
Sòzinho nas trevas — ténue caridade!
Caminha o velhinho com a alma dorida...

A todas as portas que encontrou bateu.
Porém, foram poucas as que o consolaram...
Nesta, caldo e pão o faminto comeu;
Naquela, uns vinténs uma mão lhe estendeu;
Nas restantes, grandes pragas lhe rogaram.

Pobre, amargurado, na estrada da vida,
Caminha o velhinho — tende caridade!
De grandes tormentos sua alma dorida,
Quando a si descer a morte decidida,
Irá repousar enfim na Eternidade!...

SANTOS SILVA 4/67

de Aveiro tem marcado presença.

O Padrinho de Jinha, Helena de Lisboa, Anónimo, da mesma terra, casal Amigo de Braga e outros de todos os meses, nunca faltam e são já para nós uma certeza.

Vales de 2.500\$00 de Paço de Sousa; de 133\$00, de Gina Maria; de 50\$00 da Moita do Ribatejo; de 200\$00 da Mãe Irene; outro de 50\$, de Maria do Céu.

150\$00 das Caldas da Rainha, «para ajuda da compra da Casa Nova». Vale de 50\$, de Felgueiras. Duas de 20 de Luísa. 350\$00 e calçado entregues em casa, 1.000\$00, mais 250\$00, mais 150\$, mais 100\$.

Mais 100\$00 do «sobrevivente do casal R. D.». Outro vale de 100\$00 de Lisboa.

Em vésperas de S. José, 50\$ «duma velha amiga».

De Paço de Sousa, 200\$00 mais 300\$00.

Camisolas novas, feitas e oferecidas por uma Emília. Calçado e um vestido, chegado de Nazaré. Roupas de Maria dos Anjos, de Lisboa. Roupas de Criança, de Maria Helena. Tecidos de algodão, por Maria Gabriela.

E o mais de que não temos aqui relação. Que os Benfeitores nos desculpem.

Depois de um difícil exercício de equilíbrio financeiro, e sem deixar mesmo nada para os dias não, conseguimos juntar 20 contos, com que arredondamos a nossa dívida para

120.000\$00
— 20.000\$00

100.000\$00

Bem hajam!

Inês — Belém — Viseu



Saibam todos os nossos amigos que já só faltam 100 contos para completar o pagamento das nossas actuais instalações.

Há mais de 4 anos, já, que para aqui nos mudámos, graças às facilidades de pagamento que nos foram concedidas, pelo casal vendedor.

Confesso que não contava demorar tanto tempo a juntar a quantia necessária ao total pagamento do imóvel, pois tinha grande esperança de conseguir da Fundação Gulbenkian, um subsídio pelo menos igual ao concedido pelo Estado, que foi de 200 contos.

Permitiu Deus que assim não fôsse, talvez para que os particulares sentissem a Obra mais sua.

Ao longo de todo este tempo, muitas provas de estima recebemos do casal vendedor, sempre cheio de compreensão para os nossos problemas e dificuldades.

Ficara estabelecido que, decorridos que fôssem os dois primeiros anos, passaríamos a pagar juros da importância ainda em dívida. Porém, estes senhores sempre souberam encontrar algum motivo que os levasse à dispensa de tal

pagamento. Neste último ano de 66, o motivo, lembrado pela esposa, foi o desabamento dos muros da quinta.

Decorridos poucos dias sobre a visita que nos fizeram, a dar parte da resolução, a senhora entregou a sua bela alma a Deus, de quem já recebeu o prémio da sua generosidade.

Mas acontece agora que o viúvo tem a solver encargos materiais pesados, acarretados pelo falecimento da esposa e fazem-lhe muita falta estes 100 contos em dívida.

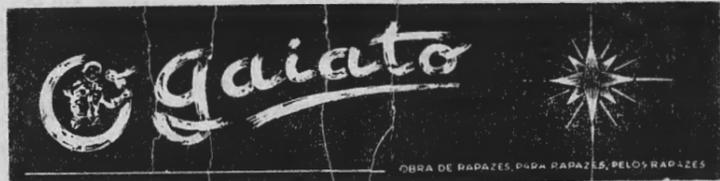
Por tal motivo é que venho aqui procurar solução para este urgente problema, que pode ser resolvido de várias maneiras, conforme Deus no-lo inspirar.

x x x

Nota de presenças:

Recebidas todas as quotas mensais dos Benfeitores de Viseu, umas directamente, outras por intermédio de D. Fernanda Valle.

Da Caixa de Previdência do Distrito de Viseu, 81\$50 de quotas recebidas por intermédio de D. Júlia Valle. Também a Caixa de Previdência



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

O César tem quatro anos. É filho de uma anormal. Temos cá mais irmãos. Criámo-lo desde os quatro meses. Sentimo-lo como se do nosso sangue participasse. Tem necessidade de sair um pouco do ambiente de ternura maternal que o tem aquecido. Vai comer, de vez em quando, à mesa dos «batatinhas», sobretudo quando não está com a sua «Mãe». Isto custa-lhe. Naturalmente. Tem os seus amuos. A nós também custa. O grande ambiente repugna-lhe. Desejaria viver no seu mundo. Nós temos de o chamar a outras realidades que o vão fazer sofrer mais.

Outro dia, à noite, o César não tinha comido a sopa. Eu passei e exortei-o com meiguice, sem resultados. Voltei outra vez, passado um pouco e continuei. Nada! Tornei e ralhei. A mesma coisa.

O Daniel, que é o seu irmãozinho por ter sido criado no mesmo calor maternal, veio depois de mim. Sentou-se a seu lado. Acarinhou-o e pôs-se a dar-lhe a sopa.



O César ia comendo e o Daniel continuava: — «Anda maninho, que está quase».

O Daniel tem oito anos, mas é pouco maior que o seu protegido. Veio com 3 anos. Parecia na altura mais um bicho do que homem. Não andava. Não falava. Definhado pela fome e pelo abandono foi arrancado à mãe que lhe queria dar a morte.

Eu estremeci com o quadro. No refeitório grande e barulhento não havia ninguém senão os dois refeiteiros. Ajoelhei interiormente. Senti-me pequenino diante de tanta

grandeza. Sangrei e vim rezar à Capela.

xxx

Vai criando a tradição que a Néné nos arranje as amendoas e a carne para a Páscoa. Ela pede. Junta as suas amigas. Fala-lhes da Casa do Gaiato. Exorta-as a fazer bem.

Este ano teve a sua campanha um sabor especial para nós. Primeiro, pelas inúmeras necessidades que nos amachuçam. O dinheiro que veio e foram 2.060\$00 já o gastei todo e não chegou. Comprei sapatos para os que passariam a Páscoa descalços e paguei farinha para pão.

Segundo, porque a nossa Amiga está doente. Mesmo na cama não nos esqueceu e o seu telefone trabalhou com certeza muito para nos arranjar o arrozinho, a mercearia, a carne e as amendoas!

Penso que assim se prega o Evangelho, se faz apostolado e se prepara a Vida Eterna.

Padre Acílio

FESTAS

Continuação da PRIMEIRA pág.

ele gosta é de nós. E tanto, que quer que o filho «se vá habituando a gostar» para se encontrarem no mesmo gosto.

Sim, as Festas são um ponto muito sério da nossa vida. A deste ano, para mim, foi-o indizivelmente. Mas são sempre. É que têm por base um esforço compartilhado por muitos. De dentro, são os responsáveis e os chamados ao serviço de representar. E são os músicos que, desde há alguns anos, têm juntado o seu sacrifício para o maior brilho. E entre estes, aquele que tem tomado sobre si o pesado encargo de re-criar as melodias que lhe são propostas para os naipes de que dispõe. Mais as gerências dos Teatros aonde vamos. Mais todos, até ao mais modesto

empregado. Mais os que montam e emprestam a aparelhagem de amplificação sonora. E os Jornais e a Rádio. E quantos se encarregam de vender bilhetes numa ou noutra terra onde tal ainda é conveniente. Tudo sem outro interesse que não seja, depois, o gozo de uma sala cheia contendo uma comunidade, da qual uns já ali foram para gostar e os outros para que se vão habituando a gostar.

É de facto uma grande afirmação de espírito a nossa Festa! E como ela não é, necessariamente, caracterizada pelo valor artístico, posto este tenha vindo sempre a melhorar ano após ano — segue-se que é com certeza de ordem superior o seu conteúdo.

Deus parece bem que quer a nossa Festa; que Se serve dela para unir, para reunir homens num amor comum, para avivar neles a chama do amor do Próximo.

É por isso que, no sector norte, eu entrego ao sucessor do João a minha confiança. Gostei de o sentir triste, há dias, ao supor que não acreditava nele — e fez-me bem a franqueza da sua queixa. Ora é verdade que neste momento sinto difícil que se volte a atingir a altura deste ano. Mas, acerte ou me engane neste ponto acidental, permanece a realidade essencial: a Festa é um convívio aonde se vai para gostar e para aprender a gostar.

Nesta hora de encerramento das Festas de 1967, profundamente feliz, eu agradeço a Deus os dons imerecidos que nos faz: em todos, por todos os que, mais directa ou indirectamente, na feitura do espectáculo ou na espectação activa dele, contribuíram para o êxito que ele foi; e, especialmente, pelo Júlio, obreiro desde a 1.ª Festa, disposto até à derradeira; e pelo João, a quem o Senhor recompense na Sua medida do que ele me compôs.

50\$. Ericeira com 50\$. Anónimo com vale de 1.500\$. Por intermédio do nosso bom Amigo Manuel Mendes Júnior, da C. P. de Tabacos, 100\$ da cigareira Aida. De Melena, 50\$. Pedrogão do Alentejo com 100\$ e uma gabardine. Leocáda de Figueira com 50\$. De Rio Tinto, 20\$, mais 100\$00 e mais 100\$. «Antiga dívida» paga com 500\$. «Amargurada por o dia 22» com várias presenças de 50\$. Avó de Moscavide não se esquece nunca e cá vai com 50\$+70\$ e muito amor pelos seus «netinhos».

Obrigado e que o bom Jesus vos pague. E até à próxima.

O Progresso dos Povos

Cont. da PRIMEIRA página

te o tema e a mística de **incarnação** com que ele é tratado! Ora o mandato de dominar a terra e de extrair dela a prosperidade dos seus habitantes foi dado por Deus ao primeiro homem — e nunca, explícita ou implicitamente, a Igreja o negou ao longo da sua História. Mesmo nos seus séculos de mais instalada no poder e na riqueza, excedendo amplamente e compensando suficientemente abusos pessoais dos seus membros, a Igreja jamais deixou de sentir a inquietação do progresso dos povos e nenhuma outra sociedade mais do que Ela, ou sequer como Ela, investiu o seu poder e os seus bens ao serviço dos homens.

«A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou o ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam (...) É Ela, a Mãe, que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém». — Este hino escreveu-o Pai Américo quando do lançamento do Património dos Pobres. Escreveu-o contemplando a Igreja de vinte séculos e estendendo o seu olhar finito de homem para vinte séculos de porvir: «Não a perderam... Não o perderam».

Ora, ensinar a ler, dar pão, curar feridas, arrotear — o

que é senão elaborar o progresso dos povos?! E foi a Igreja que o fez, depois de ter nascido dotada da «força irresistível de Mãe», sobre as cinzas de civilizações magníficas, mas caducas, e derrotadas pelo poder caótico dos povos bárbaros.

Esta encíclica de Paulo VI não vem portanto inovar uma atitude, tampouco a doutrina essencial, que toda ela, e sempre, é corolário da Lei do Amor que Deus instituiu e Cristo revivesceu, «sofrendo por nós até à morte e deixando-nos o exemplo para que sigamos os Seus passos». O que a «Progressio Populorum» traz de novo é a explicitação de como tem de ser a mente e a actuação concreta dos cristãos para não atraíçarem o amor devido a todos os homens na conjuntura real do mundo em que vivemos.

Esperamos que a leitura mais demorada e aprofundante da encíclica nos há-de obrigar a outros desabafos de alegria com o já grande mundo dos nossos leitores. Mas ninguém estranhará a felicidade que nos traz a palavra autorizada de Paulo VI, autorizado e autorizante, a redimir alguns julgamentos apressados de «naturalismo», que Pai Américo sofreu de pé, firme ao longo das linhas de força específicas da sua vocação sacerdotal, da qual a Igreja responsável nunca duvidou, e agora consagra tão abundantemente.

Do que nós necessitamos

Desde há meses que esta rubrica não aparece. O mesmo não se dá com as vossas presenças, que são de todos os dias, graças a Deus. Elas aqui vão:

Do Canadá, assinante sempre presente com 2 dólares. Mais 100\$ da Beira. Os 20\$ do costume e sempre silenciosos, da R. da Madalena. Empregados do Crédito Predial com 515\$. Maria Helena com 50\$. Dum leitor do Jornal de Notícias, 35\$30. Um cheque de 3.000\$, de Pinto & Cruz, L.da. Mais um motor a gasoleo, para Malanje, vindo de Ermesinde. António com as presenças habituais. L. B. com 50\$. Mais dum aumento de ordenado, 32\$20. Da Capital, 500\$. Amigo de Dundo — Angola, recebemos suas notícias e sua oferta. Tudo em ordem. Obrigado e Deus lhe pague.

Utensílios de cosinha e livros, de Esgueira — Aveiro. Roupas de «Uma Mãe Alentejana». Mais 500\$ de Lisboa. 50\$ do Porto. 4 presenças de 200\$, de «Uma amiga da Obra», de Algués. Mais 300\$ de A. J. P. Mouquim com 60\$. E 20\$ e 50\$ do Porto. Mais 100\$ de algures. Branca com 320\$. Anónima com 20\$. De Figueira da Foz, 20\$ e mais 17\$20. Uma camisa de José António. Calças e camisas da Praia da Granja. Um corte de fato do Entroncamento. E mais 75\$ em selos de correio, que mensalmente recebemos da Amadora. E 50\$ de Seia. Assinante de Rio Tinto com 100\$+100\$.

Portuense Maria com 200\$. «Os 20 Estrelas de S. Lázaro» enviaram-nos 546\$. De Espargoso — Vila da Feira, a presença de duas irmãs empregadas, com 40\$, 40\$ e 20\$. Mais 50\$ do Porto. 500\$ e 50\$ de Lisboa.

De Lisboa, 50\$. Amigos do Bar «Minho e Douro», 140\$. Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, com 1.500\$. Do Porto, 50\$. Aveiro com 120\$. E. D. M., com 20\$. De Curvos — Esposende, 500\$. José com 100\$. Silvares com 10\$ em selos de correio. De B. A., 50\$ Sociedade Com. Garland, Laidley com 100\$. Mais 20\$ do Porto. Pessoal de Fábrica «Fapobol» com 157\$. Roupas de Lisboa, Aveiro, Porto e Serpa. E cintos, suspensórios, carteiras, pastas e muita amizade de José Marques do Rêgo.

Um grupo de funcionários da Caixa de Previdência do Distrito do Porto, com 285\$. Lisboa com 50\$. J. L. Pereira, L.da com 500\$. Dum aumento de ordenado, 300\$. Pessoal médico e de enfermagem dum Posto de Caixas de Previdência com 500\$. «Uma professora de Aveiro — com todo o meu carinho, envio essa migalha de 50\$». Rua da Madalena com



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TROPAS — É sempre regularmente, que no decorrer de todos os anos, esta Casa tem marcado a sua presença fixa, com uma pequena série de rapazes para o serviço militar. Creio que será escusado nomear todas essas válidas presenças, porque se fossemos adoptar esse sistema teríamos muito que dizer a esse respeito.

A base de eu tocar neste assunto de «tropas» é, por assim dizer, captar uma oportunidade para revelar um dos rapazes dessa série, que partiu para terras longínquas do nosso Ultramar, para defender a nossa Pátria.

Foi sim, o nosso Nêça, que depois de alguns dias de licença, para fazer a sua despedida que, sempre costumam fazer os nossos rapazes quando se deslocam para outros ambientes do além-mar.

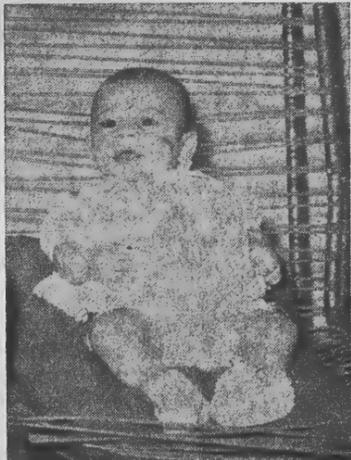
Por isso, formulamos, o desejo de bem-estar e amparo, para ele, e todos aqueles que se encontram lá e se hão-de encontrar para o futuro.

FESTAS — Têm de corrido maravilhosamente, alcançando bom êxito por essas terras fora, arrebatando plateias das principais salas de espectáculo do país até às mais pequenas e simples salas da Província.

Agora, só nos resta actuar mais algumas festas, das quais algumas que estão marcadas são em lugares novos.

Mas depois desta feita, esperamos ter agradado a todos os nossos amigos e espectadores que nunca tiveram oportunidade de saborear e viver uma pequena festa nossa, que é tão engraçada e divertida, e mais, torna-se muitíssimo mais valiosa, por ser feita por nós mesmos, desde os pequenos pormenores, até aos mais significantes.

António Ferreira Leite



Mais um neto da Obra. É o filho do Domingos dos Anjos, ora em Luanda.

CALVÁRIO

Comunhão Pascal — Um dia primaveril veio dar mais vida e brilho às cerimónias. Muito em família, mas nem por isso deixou de ter o esplendor com que a Santa Igreja celebrou a festa: «Domingo de Ramos».

Tudo convidava. Pois durante o percurso da pequena procissão que nós celebrámos, como vai sendo hábito de uma capela (dos rapazes) à outra (Calvário) dir-se-ia que os passarinhos nos quiseram acompanhar louvando o Senhor.

Tão grande era o número deles espalhados pelas árvores e arbustos. Tudo era uma verdadeira sinfonia de cor e vida. Parece que o dia foi feito para que tudo se conjugasse para dar mais brilho a tudo o que se fez.

Foi assim que entrámos mais a fundo no verdadeiro espírito Quaresmal.

A partir desse dia fomos alertados no sentido de se dar um cunho verdadeiramente cristão à Páscoa. Pois isso é esquecido por muitos de nós em face de tantas e variadas maneiras de se fazerem festas! Às vezes nem sequer se dá o sentido que devem ter!... — Não, esta não deve ser festejada assim! A Páscoa transcende todas. Devemos requerer mais! Dizia, mais acima que com a celebração dos actos solenes de «Domingo de Ramos» começou a nossa mais intensa preparação para a nossa Comunhão Pascal. Foi orientada por forma a que compreendêssemos tanto quanto possível que tudo quanto Deus revelou aos Profetas na antiguidade, já se relacionava com a Salvação que havia de surgir para nós após a consumação final.

Podemos ter muito ardor na prática de bons propósitos... mas a carne é fraca!

No entanto há a convicção que os dias que durou a nossa preparação nem tudo se perderá... embora aparentemente pensemos que sim!

Quinta-feira Santa: É o nosso encontro com Aquele que quis ficar connosco.

Após um dia de trabalho corporal o corpo refrez-se com o alimento respectivo. Como é compreensível foi melhorado. Seguiu-se a Santa Missa tendo sido para alguns doentes um grande sacrifício. Tão grande que tiveram de sair do local antes de terminada por não poderem aguentar!

Seguiu depois a procissão do S. S. Sacramento para a capela aonde houve adoração todo o tempo em que esteve exposto.

Participaram nas cerimónias de Sexta-feira Santa os nossos trabalhadores para que todos juntos nos sentíssemos mais irmãos recordando o que o Pai Comum, neste dia nos recorda: A Morte do Seu Filho!

Ressuscitou! Aleluia! Que a nossa força interior se aive para compreender este mistérios!

Que o Filho de Deus Ressuscitado tenha dado a todos vós, Amigos, Boas Festas Pascais!

Manuel Simões

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

FOLAR DA PÁSCOA — Ainda que um nadinha atrasados, não poderíamos deixar de transmitir aos nossos amigos uma sucinta notícia sobre a distribuição do foliar aos nossos Pobres. Foi arroz, açúcar, amendoas, carne de porco e uma regueifa para cada um. A sua frescura tentava... Sr. Padre José Maria (que a volta foi rente ao meio dia) disse mesmo, com um sorriso nos lábios: «Quem me dera comer uma côdea...!» Mais contente fiquei. A dar, que seja bom e bem. De contrário, é fazer que sim.

Praticamente todos os nossos Pobres estavam em casa. Nalgumas, o caldo fumegava, na mesa ou na lareira. Lembro a alegria do Sr. João do Souto, um viúvo sem mais ninguém em casa. E a satisfação do Sr. Custódio. E o compartilhar da passagem do Senhor que a todos encheu o íntimo de cada um. O nosso foliar foi, digamos, um antecipado

«Compasso», já que palmilhámos a freguesia de ponta a ponta.

O QUE RECEBEMOS — Muito pouco! Mas vem sempre algum e isso anima e dá força para continuar. Seguem 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques, que aparece de vez em quando — ainda que com algum sacrifício. Metade de um Engenheiro de Évora. Um alentejano! Gosto de ver por cá gente do meu Alentejo. Mais 100\$00 de Euclídia, de Barcelos. E, finalmente, 60\$00 (quota do 1.º semestre de 1967) de um bom Amigo do Porto. Esperamos que Deus o ajude mais e mais a aliviar sua cruz. Para todos, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

BENGUELA

Aqui «O Gaiato» na voz de Benguela.

É pela primeira vez que escrevo para o nosso jornal, do qual já fui vendedor, e pelo qual saúdo todos os seus leitores.

Como tal, devo apresentar-me: De apelido Freire, «que é como sou tratado» encontro-me há cerca

de 7 anos abrigado sob os tectos que agora pertencem à Obra da Rua.

Aconteceu-me isto, porque tive a infelicidade de perder o meu pai, que era o ganha-pão da família. Por isso, tive que me submeter aos regimes do internato de Santa Isabel, (naquele tempo pertencente ao Estado e agora à Obra de Pai Américo) aos quais devo tudo o que sou, e o que tenho. Como vos posso dizer, quando o pai era vivo, eu era feliz e contentava-me com o pouco que tinha e assim vivi até à idade dos 10 anos. Depois do seu falecimento, herdei uma tristeza que atingiu profundamente o meu ser, passando dias com o mais absoluto tédio; sem saber o que fazer, e duvidoso do futuro que me parecia atroz, até que minha mãe, teve a ideia de me internar.

Hoje, vivo encantado com a vida, embora tenha que lutar. Encontro-me a estagiar no curso de Electricista, nas oficinas da Casseque, e confio plenamente no futuro que me parece cor de rosa, embora tenha que lutar muito ainda.

Se até agora Deus me amparou, a minha fé, diz-me que Ele há-de estar sempre comigo e defender-me até à eternidade.

Mudando de assunto, apressa-se a Casa do Gaiato a agradecer por este meio, ao Senhor Albano Pereira, que por caridade, nos auxiliou com a quantia de 100\$00.

Que muitos lhe sigam o exemplo, porque a Obra da Rua é obra do povo. Que seria dos rapazes abandonados, se não tivessem o amparo destas casas de caridade? Seriam grandes vândios e até talvez um grande perigo para a sociedade.

Falando em Povo e em auxílios, exponhamos o problema que aflige a malta do Gaiato: estamos precisando de instrumentos musicais, para aprendermos música. Já contamos, com alguns oferecidos por vós e outro adquirido pelo nosso padre Manuel, mas nunca chegam a nada, pois a nossa família tem muitos irmãos.

Assim me despeço, de todos vós, acentuando o nosso pedido sobre o povo de Benguela, Catumbela e Lobito, que são os que nos rodeiam esperando deles a máxima colaboração da qual já temos algumas provas.

José Manuel da Silva Freire

FESTAS

EM ABRIL

Cine Teatro — Almada

dia 23 — às 21.30

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

Cine Teatro — Santo Tirso

dia 27 — às 21.30

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

EM MAIO

Cine Teatro — Ovar

dia 2 — às 21.30

Bilhetes à venda: Estúdios Almeida; Casa Coelho, R. Elias Garcia, 43 e bilheteiras do Cine Teatro.

Cine Teatro — Palmela

dia 7 — às 21.30

Bilhetes à venda no Cine Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



JOÃO DA ROCHA E JOSÉ FERREIRA — DUAS BELAS VOZES QUE PONTIFICAM NO ELENCO DA OPERETA.